

Entre Schopenhauer e Lange: Nietzsche e sua interpretação prematura da filosofia kantiana

Between Schopenhauer and Lange: Nietzsche and his premature interpretation of the kantian philosophy

João Pereira da Silva Neto¹

Resumo

Este trabalho toma como sua premissa a relação entre a teoria crítica kantiana e o que gostaríamos de chamar de a teoria nietzschiana do conhecimento. Supomos que, caso as várias reflexões acerca do conhecimento que encontramos na filosofia nietzschiana pudessem ser agrupadas, em uma tentativa abrangente de interpretação, de modo que isto viesse a constituir plenamente uma teoria do conhecimento, tal teoria teria sua origem na radicalização da dúvida acerca dos limites da razão humana. As críticas que aqui seriam apontadas contra a concepção tradicional de conhecimento, teriam em comum a afirmação de que o ilusório é o proceder humano, em sua tentativa de aquisição do verdadeiro conhecimento. As críticas provenientes de uma teoria do conhecimento assim constituída não se distinguiriam, no essencial, da crítica de Kant ao pensamento dogmático. Ou seja, do pensamento que se lança em busca do conhecimento através da razão, sem se questionar acerca dos limites desta.

Palavras-Chave: Nietzsche. conhecimento. Kant. dogmatismo. perspectivismo.

Abstract

This work has as its premise the relationship between the Kantian critical theory and what we would like to call Nietzsche's theory of knowledge. We assume that if the various reflections about knowledge that we find in Nietzsche's philosophy could be brought together in a comprehensive attempt of interpretation of this philosophy, in a way that this could constitute a theory of knowledge, such a theory would have its origin in the radicalization of the doubt about the limits of the human reason. The criticism that would be here leveled against the traditional conception of knowledge, would have in common the affirmation of how illusory is the human reason in its attempted to reach the true knowledge. The criticism that would come from a theory of knowledge thus constituted does not distinguish, in essence, of the criticism of Kant to the dogmatic thinking. What means, of the thought that launches itself in pursuit of knowledge through reason, without questioning about the limits of this one.

Keywords: Nietzsche. knowledge. Kant. dogmatism. perspectivism.

Introdução

O conhecimento é o tema mais persistente na filosofia nietzschiana. A dúvida acerca dos limites do conhecimento humano passa a fazer parte das preocupações fundamentais de Nietzsche, de acordo com nossa interpretação, a partir de sua reflexão acerca do valor da

¹ Mestre em Filosofia e participante do programa FILORED como Forschung-Stipendiat na FernUniversität im Hagen, atualmente cursando o Doutorado na Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: jpsfilosofia@gmail.com

filosofia crítica kantiana. Reflexão que transparece em sua correspondência, ainda na década de 60. A avaliação dos méritos e defeitos do esforço crítico kantiano, que encontramos nesse período de sua produção, se constrói em íntima relação com sua leitura de *A História do Materialismo* de Albert Lange². Como resultado dessas duas influências, surge a radicalização da compreensão do papel ativo que a consciência desempenha no processo de conhecimento, o que aprofunda a ruptura com o pensamento metafísico de até então, o qual Kant já havia acusado de agir como se tivesse total convicção da possibilidade de obter a verdade última na relação sujeito-objeto. Assim, a reflexão sobre os limites do conhecimento humano, tal como esta reflexão se dá tanto na obra kantiana quanto no pensamento nietzschiano, pode ser entendida como uma reflexão sobre a maneira como o intelecto atua sobre seu objeto em sua atividade cognitiva. E esta postura diante da relação entre o sujeito e o objeto na atividade cognitiva é interpretada aqui como a grande herança que é transmitida para a pós-modernidade por Kant e Nietzsche.

O pós-kantianismo de Nietzsche: entre Lange, Kant e Schopenhauer.

Um dos motivos pelos quais Lange comumente não é reconhecido como uma forte influência da filosofia de Nietzsche é a pouca referência a figura de Lange que encontraremos em sua obra, incluindo aqui os póstumos e as cartas. Tão poucas referências certamente não nos permitem medir com precisão o tamanho das influências sofridas, mas servem como pano

² Friedrich Albert Lange publicou em 1866 a primeira versão de sua *Geschichte des Materialismus und Kritik seiner Bedeutung in der Gegenwart* (J. Baedeker, Iserlohn 1866, XVI+563 páginas.), que ampliou em uma segunda edição em dois tomos, pouco antes de falecer: *Geschichte des Materialismus und Kritik seiner Bedeutung in der Gegenwart. Zweite, Verbesserte und Vermehrte Auflage. Erstes Buch: Geschichte des Materialismus bis auf Kant. Zweites Buch: Geschichte des Materialismus seit Kant* (Verlag Von J. Baedeker, Iserlohn 1873-1875, XIV+434 y XIII+573 páginas.). A partir desta segunda edição alemã B. Pommerol efetuou a tradução para o francês, a qual foi autorizada por Lange. Apesar de sua autorização, Lange veio a falecer antes do fim da tradução, e a versão francesa foi publicada sem a revisão do autor, como estava inicialmente previsto. Esta foi publicada em dois tomos em 1877 e 1879: *Histoire du matérialisme et critique de son importance à notre époque, par F.-A. Lange, professeur a l'Universite de Marbourg. Traduit de l'Allemand sur la deuxième édition avec l'autorisation de l'auteur par B. Pommerol, avec une introduction par D. Nolen, professeur à la Faculté des lettres de Montpellier* (Chez C. Reinwald et Cie, libraires-éditeurs, Paris 1877-1879, 2 tomos, LI+538+20 y VII+711 páginas.). Paralelamente Ernest Chester Thomas traduziu a obra para o inglês (Trübner & Co., Londres 1877, 1880, 1881, 3 vols.). Em 1899 a obra foi publicada novamente, desta vez em russo. A edição espanhola foi publicada em Madrid em 1903, a partir da versão francesa, e traduzida por Vicente Colorado para a Biblioteca Científico-Filosófica publicada por Daniel Jorro, ocupando dois tomos de 548 e 664 páginas. Em novembro de 2007 o Projecto Filosofía em espanhol publicou, em formato pdf, o facsímil desta primera edición espanhola, correspondente a segunda edição, que houvera sido traduzida para o francês em dois volumes. A edição espanhola está disponível para livre consulta através do site: <http://www.filosofia.org/ave/001/a291.htm>. Esta versão foi amplamente utilizada em nossa pesquisa, e os trechos da obra aqui constantes são geralmente nossas traduções de trechos retirados da tradução espanhola associada a consulta frequente da versão inglesa e alemã.

de fundo que nos permitirá, minimamente, reconstruir a interpretação realizada por Nietzsche. A partir de tal reconstrução, acreditamos que podemos distinguir o quanto Lange influenciou o modo como o projeto crítico de Kant atua no perspectivismo nietzschiano. Felizmente, entre as referências deixadas, existe uma que consideramos a principal, pois fornece um resumo das principais ideias encontradas em *A história do Materialismo* segundo Nietzsche, o que nos permite ver o modo como ele entendeu esta obra, nos possibilitando antecipar muitas das ideias que o jovem professor de Basel irá desenvolver. A partir desta referência, em contraste com outros escritos do mesmo período, podemos deduzir a interpretação fundamental das ideias que motivam a apropriação de Nietzsche. A mencionada referência é uma Carta de 1866, onde Nietzsche escreve:

Finalmente, devemos mencionar também Schopenhauer, pelo qual eu ainda tenho a maior simpatia. O que pode ser encontrado nele foi recentemente esclarecido para mim por uma fonte diferente, o excelente e muito instrutivo entre os seus: História do materialismo e crítica de sua importância para o presente, Fr. A. Lange. 1866. Aqui encontramos um kantiano e um investigador da natureza altamente esclarecido. Os seus resultados podem ser resumidos nas três seguintes sentenças:

- 1- O mundo sensível é o produto da nossa organização.
- 2- Nossos órgãos visíveis (físicos) são como todas as outras partes do mundo fenomênico somente imagens de um objeto desconhecido.
- 3- A nossa organização real permanece desconhecida para nós, bem como as coisas externas reais. Nós apenas temos o produto de ambos perante nós (KSB 2, p. 159-160).³

Nesse trecho, Nietzsche faz uma exposição entusiástica de sua leitura de a História do Materialismo, mostrando o quanto apreciou o livro de seu colega de Bonn, e discípulo de Ritschl⁴. Havia apenas um ano que o jovem filólogo houvera descoberto *O Mundo como Vontade e Representação* e acreditava ver a perfeita qualificação das ideias de Schopenhauer como herdeiro direto da filosofia kantiana no livro de Lange. Acreditamos que sua interpretação da filosofia de Schopenhauer, desde o princípio, sofrerá a influência dessa leitura. Sua leitura é tão marcada pela influência do materialismo de Lange que Nietzsche não conseguirá, a princípio, enxergar na filosofia de Schopenhauer o potencial metafísico e moralizante que mais tarde denunciará em sua auto-biografia *Ecce Homo*.

Pode-se notar aqui as principais características da teoria do conhecimento que atravessa todos os escritos de Nietzsche. Exatamente como Stack diz “sintetizado nesta carta

³ Tradução nossa.

⁴ Em 1848 Lange passou a estudar Filologia na Universidade de Bonn sob orientação de Friedrich Ritschl. A família se mudou em 1841 para Zurique, para que seu pai pudesse assumir o cargo de pastor e professor de teologia que havia sido retirado de David Friedrich Strauss, como resultado do controverso livro de Strauss, *A Vida de Jesus* (Stanford Enciclopedia of Philosophy).

estão temas que vão assombrar Nietzsche ao longo de toda sua vida filosófica. Precisamente esta combinação de ceticismo epistemológico e a natureza estética da filosofia irá informar muito do pensamento de Nietzsche.” (STACK; 1983, Pág.11). Em primeiro lugar, a abolição do mundo real é anunciada aqui, por meio do recurso ao caráter subjetivo do mundo sensível, que já aparece nesse momento para o filósofo como um produto da atividade dos órgãos dos sentidos, como algo desprovido de realidade objetiva. Em segundo lugar aqui nos deparamos com a tese da nossa ignorância sobre as propriedades dos nossos órgãos dos sentidos, o que cria uma dupla referência em relação aos limites do conhecimento. Primeiramente, essa limitação fundamental decorre do fato de que o nosso conhecimento é um produto da nossa organização fisiológica. E ainda, a nossa incapacidade de julgar sobre a verdadeira natureza do aparelho que constitui a nossa realidade, constitui uma limitação adicional ao nosso conhecimento. Estas conclusões resultam do exposto nos primeiro e segundo períodos do resumo da obra de Lange apresentado por Nietzsche.

Naturalmente, este considera essas questões como um esclarecimento da filosofia de Schopenhauer, especialmente no que diz respeito à relação entre sujeito e objeto, bem como a tese de que a subjetividade, ou individuação, é a principal causa da existência de objetos. Mas, a terceira declaração do resumo deveria chamar a atenção de um schopenhaueriano. Devemos ver como o sujeito aqui aparece, não como um objeto privilegiado, como na visão de Schopenhauer, onde a contemplação imediata do sujeito representa a porta através da qual pode-se obter conhecimento da vontade por trás dos fenômenos. Pelo contrário, aqui o sujeito, que é referido na forma de “Nossa organização real”, é tratado como um algo desconhecido, de cujo verdadeiro conhecimento somos privados, porque nossa organização real “permanece desconhecida para nós, assim como as coisas externas”. Nós só temos a representação do sujeito diante de nós, como sempre temos representações de coisas perante nós, “Apenas temos o produto de ambos perante nós”. Na continuidade da carta, na parte em que são apresentados os resultados dessa filosofia, como consequências de um raciocínio rápido, torna-se ainda mais visível o contraste entre as posições que o autor da carta tenta aproximar:

Assim, a verdadeira essência das coisas, as coisas-em-si, não são só desconhecidas, mas também o conceito das mesmas, nem mais nem menos como a mais recente criação de nossa contraditória, contingente, organização, dos quais não sabemos se elas tem qualquer significado fora de nossa experiência. Consequentemente, diz Lange, que o filósofo esteja livre, uma vez que ele nos edifique de agora em diante. A arte é livre, também no campo dos conceitos. Quem poderia negar uma

composição de Beethoven, e quem iria reconhecer como erro uma Madonna de Raphael?⁵

Nietzsche nesta citação refere-se quase literalmente a uma passagem de *A História do Materialismo*, na qual Lange defende a necessidade de uma nova forma de espiritualidade que deveria substituir as formas religiosas tradicionais que, pensa ele, estavam caindo aos pedaços. No texto de Lange é colocada a questão acerca do futuro das instituições religiosas, se esse futuro traria novas formas de religiosidade, similares as já existente em seu tempo, ou se ele geraria novas formas de espiritualidade, talvez a partir das ruínas do passado clássico, talvez a partir das ruínas do cristianismo. Lange diz:

O futuro verá novas catedrais erguerem-se ou ficaremos satisfeitos com pequenos quartos ensolarados? Os sons dos órgãos e o toque dos sinos irá percorrer o espaço com nova intensidade ou a ginástica e a música, como foi entendida pelos gregos, serão a base da educação de um novo período da história do mundo? Em qualquer caso, o trabalho dos últimos não se perde completamente; o que uma vez fez o seu tempo, não vai renascer sem ser modificado; em certo sentido, as ideias da religião também são duradouras; quem refutaria uma missa de Palestrina ou consideraria um erro a Madonna de Rafael? (LANGE, 1903, VOL II, p. 604)⁶

Na citação de Nietzsche, é claro, há uma ênfase clara com relação a arte, que aparece como titular do acesso gratuito ao campo dos conceitos. Isto, sem dúvida, fala o suficiente de seu papel como um construtor de produtos que estão para além dos limites epistemológicos tradicionais. Ninguém pode dizer a partir de uma obra de arte que esta é errada, ou um erro. Este é um traço de pensamento original de Nietzsche, construída com base em uma reformulação criativa do que ele encontra em Lange. E aqui aparece, também, sua independência do ponto de vista filosófico de Schopenhauer. Não há nenhuma referência a uma espécie especial de acesso cognitivo nas observações acima, como era de se esperar se fossem largamente inspiradas em Schopenhauer. Observações, diga-se de passagem, que Nietzsche pensa representam o esclarecimento da filosofia de Schopenhauer. Aqui ele aponta apenas um valor cognitivo especial, já que a arte não é comprometida com avaliações científicas ou filosóficas acerca da verdade em sentido tradicional. Assim, ele pode dizer: “a verdadeira essência das coisas, a coisa em si, não nos é só desconhecida, mas também (...) nós não sabemos se ela tem qualquer significado fora de nossa experiência”.

A ideia central aqui é que a religião e a arte, assim como a ciência, vêm da mesma fonte: a tendência natural da razão para o ideal. No entanto, os produtos da religião, enquanto

⁵ Idem.

⁶ Tradução nossa de trecho da tradução para o espanhol de *A História do materialismo*, conforme nota anterior.

formação poética de mitos, bem como os produtos da arte, não são contraditórios. Isso porque, em si, o recurso fictício é inerente a estas atividades. A ciência, por outro lado, sempre se contradiz. Porque esta é uma forma de atividade, onde se torna necessário um tipo de verdade com características muito precisas. A contradição na ciência, segundo o modo kantiano no qual acreditamos que Nietzsche enxerga esse problema, vem de sua tendência a ir para além do que nossa capacidade humana permite. A ciência, devido a concepção de verdade que ela procura, tende sempre para além da experiência possível. Neste sentido, um produto de arte tem uma verdade mais valiosa do que uma concepção científica. Porque ninguém julga um produto de arte, por sua adequação aos mesmos princípios que governam afirmações científicas. Quem julga uma *Madonna* de Rafael como certa ou errada, por exemplo? Em certo sentido, de acordo com o ponto de vista langeano, uma obra de arte pode aspirar a ir além das ciências, porque aqui não se trata de uma questão acerca do conhecimento. Arte e religião não lidam com a formação de conceitos, no mesmo sentido que a ciência, porque, nelas, o princípio natural para formulação do ideal age livremente, sem as restrições que a crítica da razão pura impõe à ciência.

Mas, para compreender totalmente este texto, temos que entender a aproximação entre os valores da ciência, religião e poesia, como produtos da atividade da razão. Aqui, torna-se importante o papel do ideal na constituição da realidade, bem como o papel da filosofia e da arte e sua relação com a tese das “ficções edificantes” na interpretação de tal realidade. Para isso, precisamos entender como a razão humana opera na constituição dos seus mais altos produtos.

A questão acerca do modo como a razão opera na constituição dos seus mais altos produtos é, na postura de Lange, convertida na pergunta acerca do papel do Ideal, na construção de uma teoria que combina, os resultados obtidos pela investigação materialista da natureza, com a capacidade do idealismo para lidar com as questões colocadas para além dos limites da experiência possível. É bastante claro que Lange tem em mente aqui a discussão kantiana dos raciocínios sofisticados, utilizados pela razão dogmática na formulação das três questões teóricas fundamentais das três principais áreas de metafísica: a psicologia racional, a cosmologia racional e a teologia racional. Essas concepções racionalistas da natureza da alma humana, da natureza dos seres e do nexos causal entre esses seres, e da existência e natureza de Deus, são refutadas por Kant, como concepções que não pensam sobre os limites da razão, mas que têm usado esta para a constituição de conhecimentos que nos são absolutamente inacessíveis. As conclusões teóricas, ou raciocínios sofisticados, que são alcançados através da

análise racionalista da alma são agrupados por Kant nos paralogismos da razão. Aqueles que são alcançados pela análise racional da natureza são agrupados na antinomias da razão, e o ideal da razão pura, é concebido por Kant como se segue:

Por fim, na terceira espécie de raciocínios sofisticos, da totalidade das condições necessárias para pensar objetos em geral, na medida em que me podem ser dados, concludo a unidade sintética absoluta de todas as condições da possibilidade das coisas em geral; isto é, de coisas que não conheço pelo seu simples conceito transcendental infiro um ser de todos os seres, que conheço ainda menos por conceito transcendental e de cuja necessidade incondicionada não posso formar qualquer conceito. A este raciocínio dialético da razão darei o nome de ideal da razão pura. (CRP; A 340, B 398)

Kant acredita que a razão atua por natureza, no sentido de uma maior redução dos elementos com os quais se defronta a uma unidade cada vez mais absoluta. Assim, as formas da percepção convertem os dados dos sentidos à percepção sensorial, as categorias do entendimento convertem a percepção sensorial em conceitos e estes são convertidos pela razão em ideais, alcançando uma unidade cada vez maior, até o ponto mais alto, que é o ideal da razão pura, o ser de todos os seres, ou Deus. Apesar de tais ideais não possuírem realidade em si mesmos, ou qualquer validade epistêmica, a razão não pode se livrar dessas aparições lógicas em virtude da sua própria natureza. Isso porque sua própria natureza os obriga a procurar a unidade absoluta, apelando a elementos que se encontram para além dos limites da experiência.

Ao analisar a posição kantiana, Lange propõe a adoção das ficções ideais alcançadas pela atividade natural da razão de uma forma construtiva, uma vez que tais ilusões são indestrutíveis. Esta tendência natural para o ideal, que empurra o homem, naturalmente, para além dos limites da experiência, corresponde, de acordo com Lange, a uma necessidade humana natural. Então, alguma validade deve ser permitida a eles. O que seria, segundo Lange, mais útil do que procurar destruí-los. Já que tal, segundo o próprio Kant, era impossível. A esse respeito diz Lange:

Kant rejeitou os esforços da metafísica que buscam os verdadeiros fundamentos de todo ser, por causa da impossibilidade de uma solução determinada, e limitou a tarefa desta ciência à descoberta de todos os elementos da experiência dados *a priori*. Mas pode-se perguntar se essa mesma tarefa não é impraticável, e mesmo se o homem, em virtude da inclinação natural para a metafísica, reconhecida pelo próprio Kant, não vai sempre tentar novamente derrubar os limites do conhecimento e construir no ar os resplandecentes sistemas de um suposto conhecimento da essência absoluta das coisas; porque os sofismas que facilitam este esforço são inesgotáveis e, como eles rodeiam habilmente a posição da crítica, uma ignorância

engenhosa domina todos os obstáculos com sucesso mais surpreendentes do que nunca. (LANGE, 1903, VOL II, p. 585)⁷

E é baseando-se nessa interpretação, que é estabelecido o paradigma do ideal em *A História do Materialismo*. Na última parte de seu livro, Lange propõe que os produtos da arte e da religião, de acordo com o paradigma do ideal, deve preencher o vazio deixado pelo colapso das religiões transcendentais e do fracasso das tentativas de substituir as formas tradicionais de religiosidade por formas materialistas. As “ficções edificantes” que surgem a partir da consideração do paradigma do ideal, são consideradas como criações que surgem a partir do impulso natural da razão para a unidade absoluta e aos quais é garantido um status diferenciado dos produtos das ciências.

A interpretação fisiológica da filosofia transcendental

Se restam dúvidas com relação ao papel da influência de Lange para a interpretação nietzschiana da filosofia de Schopenhauer, o mesmo não se pode dizer de Kant. Dentro do pensamento perspectivo, a tese kantiana da incognoscibilidade do mundo, associada à ideia de uma realidade como ficção útil ao desenvolvimento da ciência, evoluirá para a negação do mundo verdadeiro e, conseqüentemente, do mundo aparente⁸. Esta tese fundamental para a concepção perspectivista do mundo, ou seja, do mundo como pluralidade de perspectivas, de interpretações, aparece no pensamento nietzschiano como resultado de sua concepção naturalista do conhecimento, em grande parte devedora do neokantismo de Lange, o que resultará em uma afirmação do mundo como um complexo de forças naturais interpretativas, que se fazem sentir, por exemplo, em *O Nascimento da Tragédia*, nos conceitos de *dionísíaco* e *apolíneo*.

Por improvável que pareça, e isto é extremamente relevante nesse ponto, Nietzsche não faz distinção entre as filosofias de Schopenhauer e Lange na citação acima mencionada. Na verdade, ele apresenta os resultados da filosofia de Lange como uma explicação sobre a filosofia de Schopenhauer, ou em último caso como uma interpretação crítica. Ele diz claramente: “*O que nós encontramos nele (Schopenhauer), me foi esclarecido recentemente em um outro escrito*”. Também é importante notar que, apesar de Nietzsche aproximar a leitura de Lange da filosofia de Schopenhauer, Lange não dialoga diretamente com

⁷ Idem

⁸ Vide *Crepúsculo dos Ídolos*, A bastante conhecida História de um Erro, de como o mundo verdadeiro tornou-se, enfim, uma fábula.

Schopenhauer em sua obra, mas com Kant. *A História do materialismo*, em sua segunda edição, é literalmente dividida em Antes de Kant e Depois de Kant. Embora nesta obra pretenda-se, no fundo, assim como na obra de Schopenhauer, uma revisão da filosofia kantiana, Schopenhauer não recebe ali nenhum tratamento especial. Portanto, podemos dizer que Nietzsche não quer distinguir, pelo que é dito em sua carta, as filosofias de Lange, Schopenhauer e Kant. Do que se deduz que, naquele momento da vida de Nietzsche, especificamente no que diz respeito à teoria do conhecimento, a maioria dos elogios que ele atribui a Schopenhauer, pode ser dedicado a Lange e, em última instância, a Kant. De fato, no final da carta, Nietzsche faz referência adicional à Schopenhauer. Em uma tentativa de acomodar seu mestre na definição de filósofo de Lange, ele acrescenta:

Você vê, mesmo nesta posição crítica mais rigorosa, nós conservamos o nosso Schopenhauer, sim, ele é quase reforçado. Se a filosofia é arte, então Haym também gostaria de rastejar perante Schopenhauer; se a filosofia deve ser construção, então eu pelo menos não conheço filósofo que construiu mais que Schopenhauer.

Ou seja, mesmo se Lange não é uma referência tão mencionada como Schopenhauer no momento em que Nietzsche escreve esta carta, podemos ter certeza de que ele era um leitor muito interessado de a história do materialismo. E se ele não distingue as filosofias de Schopenhauer e Lange, nesse momento, é quase certo que a segunda desempenha uma influência predominante. Corroborar essa tese o fato de, nesse mesmo ano, agora em uma carta para Hermann Mushacke em Berlim, Nietzsche escrever uma nota especial, recomendando a leitura do livro de Lange ao seu amigo, em uma referência altamente elogiosa. No final da carta, Nietzsche cita o trabalho de Lange como um dos maiores eventos da filosofia nos últimos anos, ele diz: “N.B. A obra filosófica mais significativa que apareceu nas últimas décadas é, sem dúvida, *A História do Materialismo* de Lange, sobre a qual eu poderia traçar um longo arco de elogios. Kant, Schopenhauer e este livro de Lange – mais eu não necessito.” (KSB 2, p. 184).” Nietzsche diz que não precisa de nada mais do que Kant, Schopenhauer e este livro de Lange, de uma forma que, mais uma vez, mostra que ele não quer distinguir as três filosofias. Isso mostra que, mais do que distinguir a influência desses três autores, é necessário compreender que Nietzsche os vê em pé de igualdade, com o mesmo nível de importância. E desse modo, ele findará por relacionar as três teorias na sua própria concepção de conhecimento.

De fato, seu interesse em questões sobre a verdade e o conhecimento é fortemente estimulado por sua leitura de *A História do Materialismo*. E esta leitura, por sua vez,

direciona sua atenção a outros livros comentados por Lange. Mais ainda, a consulta frequente do livro de Lange lhe permite aprender sobre as disputas científicas mais importantes em seus dias. A leitura de Nietzsche, especialmente de obras sobre ciências naturais, naquela época, é fortemente influenciada por sua leitura deste enciclopédico resumo de teorias naturalistas e filosofia materialista, cuja incrível variedade de temas desperta completa simpatia no jovem Nietzsche. Sinais dessa variedade de temas e sua simpatia por ela, poderíamos encontrar ainda em 1868, quando aquele livro ainda aparece para o jovem professor como uma obra de referência, cujo valor só pode ser estimado como um tesouro. Nós aprendemos isso lendo uma carta a Carl von Gersdorff em Berlim, quando Nietzsche escreve a seu amigo:

Neste ponto, devo novamente exaltar os méritos de um homem, sobre o qual eu escrevi para você mais cedo. Se você quiser informar-se completamente sobre o movimento materialista de hoje, sobre as ciências naturais com as suas teorias darwinianas, seu sistema cosmológico, sua câmara obscura animada etc. informar-se simultaneamente sobre o materialismo ético, sobre a Teoria Manchester etc. Então, eu não conheço nada mais excelente para sempre recomendar-lhe do que “a História do materialismo” de Friedr. Alb. Lange (Iserhohn 1866), um livro que dá infinitamente mais do que seu título promete, e que, como uma casa de tesouros sem fim você pode querer ver e ler uma e outra vez. Para apontar o seu estudo, não conheço nada mais digno de menção. Absolutamente eu preciso familiarizar-me com este homem, e eu gostaria de enviar-lhe o meu tratado sobre Demócrito como um símbolo da minha gratidão (KSB 2, p. 257-258).⁹

Na verdade, Nietzsche não consegue escrever sua obra sobre Demócrito, como também não vai escrever um artigo sobre Homero e Hesíodo, que será mencionado em outra carta. Estes são alguns dos muitos planos não-literários interrompidos por sua participação na guerra franco-prussiana, e sua consequente lesão muscular, que o coloca em grave estado de saúde por muitos meses. Por conseguinte, a aproximação entre Nietzsche e Lange nunca ocorreu, deixando em aberto para a imaginação o que poderia ter acontecido com o pensamento de ambos os autores, se tivessem trocado ideias. Mas a gratidão devida por Nietzsche será paga sob a forma de uma extensa reprodução das ideias de Lange em seus escritos. Esta gratidão, no entanto, não parece ter sido suficientemente grande para Nietzsche citar Lange em seu trabalho publicado, exceto muito raramente¹⁰.

⁹ Tradução nossa.

¹⁰ As especulações acerca dos motivos que fazem com que Nietzsche não mencione Lange em sua obra constituem um capítulo a parte da interpretação que filia estes pensamentos. O melhor comentário acerca dessa questão, nos parece, está no texto de Lopes: LOPES, Rogério. *Filosofia e Ciência: Nietzsche Herdeiro do Programa de Friedrich Albert Lange*, Palestra proferida no VI Simpósio Internacional de Filosofia Assim Falou Nietzsche, em novembro de 2009, UNIRIO, In BARRENECHEA, Miguel Angel. FEITOSA, Charles. PINHEIRO, Paulo. SUAREZ, Rosana (org.), Nietzsche e as ciências, Ed. 7letras, Rio de Janeiro, 2011. Em uma passagem específica, Lopes reflete acerca da interpretação de Stack que atribui a Nietzsche uma extensiva

Conclusão

Por fim, queremos apenas demonstrar que não é absurdo pensar que Nietzsche, já no ano de 1866, consideravelmente antes de escrever *O Nascimento da Tragédia*, desenvolve uma interpretação da filosofia kantiana em acordo com as ideias de Lange. Agora, como uma maneira de começar a entender como a leitura de Lange influencia a interpretação da filosofia kantiana realizada por Nietzsche, queremos falar sobre um trabalho, que também fazia parte dos planos interrompidos, e foi mencionado em outra carta. Essa referência nos parece fundamental para a compreensão do modo como Nietzsche interpreta a filosofia kantiana, o modo como ele constrói sua própria interpretação da filosofia kantiana, a partir de um ponto de vista muito próximo ao trabalhado por Lange. Trata-se da sugestão de uma obra que, acreditamos, caso tivesse sido escrita, abordaria a relação entre o desenvolvimento da compreensão acerca dos órgãos dos sentidos e a teoria crítica de Kant. Acreditamos, que uma tal interpretação apontaria para uma leitura fisiológica da questão dos limites do conhecimento.

Esta referência a um tratado sobre os órgãos dos sentidos desde Kant aparece em uma carta a um amigo, escrita naquele mesmo ano, poucos meses após a carta acima mencionada. Aliás, a relação entre Nietzsche e este amigo em especial merece mais comentários. Ambos suportam uma estreita correspondência, apesar de conturbada por uma série de divergências filosóficas e teológicas que se interpunham entre os correspondentes. Deussen, o amigo em questão, foi convencido por Nietzsche, depois de longa insistência, a migrar para a filologia, apesar de sua preferência pelos estudos de teologia. De fato, sua relutância em abandonar de

apropriação das ideias de Lange: “Ora, se o débito de Nietzsche para com Lange tem a extensão que lhe atribuí Stack, então devemos tentar descobrir as razões que levaram Nietzsche a omitir esta dívida intelectual. Uma primeira razão poderia ser de natureza política, e ela chega a ser aventada por Salaquarda em seu ensaio de 1978. Lange seria considerado um autor politicamente suspeito nos círculos wagnerianos. Ele tinha um histórico de militância trabalhista e chegou a ter problemas com as autoridades alemãs. Mas este tipo de covardia moral não se ajusta bem à personalidade de Nietzsche, o que torna a motivação política pouco plausível. A segunda razão é óbvia: Nietzsche omitiu de forma sistemática e deliberada seu débito para com Lange porque ele quis se apropriar de ideias alheias e receber os créditos por aquilo que não lhe pertencia originalmente. Se o livro de Stack está correto, então esta conclusão também está correta e pesa sobre Nietzsche a acusação de ter cometido um plágio monumental. Para agravar a situação, Breazeale afirma que temos aqui um precedente importante. Geoffrey Waite, em um estudo sobre Hölderlin e Nietzsche, descobriu que o jovem estudante de Pforta entregou para um de seus professores um ensaio sobre Hölderlin que ele simplesmente copiou de uma coletânea sobre clássicos modernos da literatura alemã. O ensaio, intitulado “Briefe an meinen Freund in dem ich ihm meinen Lieblingsdichter zum Lesen emföhle” (Carta ao meu amigo, na qual eu recomendo a ele a leitura de meu poeta predileto) e datado de 19 de outubro de 1961, foi visto como a prova cabal da precocidade literária de Nietzsche por ninguém menos que Dilthey, Heidegger, Jaspers, Walter Kaufmann e Eric Heller.” (LOPES; 2011; Pág. 19).

uma vez por todas os seus pontos de vista teológicos, e aplicar-se plenamente a investigação filológica, é motivo constante de disputa entre os dois colegas. Reconhecendo uma certa mudança de atitude em Deussen, e na tentativa de pôr fim às discussões filosóficas constantes entre eles, Nietzsche apresenta um ponto de vista, que ele considera suficientemente óbvio para ser aceito por ambos. Ele diz:

Quem, então, levar em consideração o entendimento completo dos estudos relevantes, principalmente os estudos fisiológicos desde Kant, não pode ter nenhuma dúvida sobre isso, que cada limite foi determinado de um modo seguro e infalível, que, além de teólogos, alguns professores de filosofia e as pessoas comuns, ninguém mais pode pensar de forma diferente. O reino da metafísica, bem como a província da verdade “absoluta”, inevitavelmente, transferiram-se para os territórios da poesia e da religião. Aqueles que querem saber algo, contentar-se-ão com uma consciente relatividade do conhecimento - tal como todos os pesquisadores naturais conhecidos. A metafísica, portanto, pertence, como algumas pessoas pensam, ao território da mitologia da Comunidade (Gemüthsbedürfnisse), é essencialmente edificante: em outro sentido é arte, em especial a da formação de conceitos (Begriffsdichtung, poesia dos conceitos); mas o fato é que a metafísica é como a religião, é como a arte, não tem nada a ver com a “verdade em si ou essências.” (KSB 2, p. 269)¹¹

É fácil identificar nesta citação as reverberações do pensamento de Lange na reflexão de Nietzsche. O papel do conhecimento sobre a fisiologia, como uma extensão da filosofia kantiana, é especialmente interessante. Para Nietzsche, com base no mais recente conhecimento sobre a fisiologia, torna-se fácil compreender que o conhecimento humano tem limites muito bem estabelecidos, e qualquer pretensão ao conhecimento das verdades em si está fadado ao fracasso. Como resultado de uma análise extensiva destes pontos, Nietzsche conclui que é necessário abdicar dos conhecimentos possivelmente obtidos pela metafísica, bem como abdicar das próprias verdades objetivas. Vale ressaltar que a ideia de nossa construção da realidade colide frontalmente com a concepção de uma realidade objetiva, de onde deduzimos nossas verdades objetivas e, portanto, o nosso conhecimento. Nietzsche, em contraposição à ideia de uma realidade objetiva, reconhece que só temos uma ideia objetiva da realidade, devido ao fator sintético da razão. Tal realidade não é passível de conhecimento, não podemos mesmo dizer que há uma tal realidade, cuja afirmação da existência já pressupõe seu conhecimento em alguma medida. Por fim, a crença em uma realidade objetiva, afinal de contas, é apenas isso, uma crença. Esta parece ser a reflexão levada a cabo pelo autor da carta, reflexão essa em que ele reproduz, passo a passo, as considerações de Lange sobre o ponto de vista do ideal, como podemos comparar a partir da seguinte referência de *A História do Materialismo*:

¹¹ Tradução nossa.

Quanto à realidade, tal como o homem a representa, e tal qual ele continua a cobiçar mesmo após esta quimera ser destruída: uma realidade absolutamente sólida, independente de nós, e sem existência. Mas reconhecida por nós, uma tal realidade não pode existir, porque o fator sintético e criador do nosso conhecimento estende-se de forma eficaz até as primeiras impressões dos sentidos e dos elementos lógicos. O universo é não apenas uma representação, mas também nossa representação, um produto da organização das espécies em geral e das características necessárias de toda a experiência, um produto individual na síntese, que dispõe livremente do objeto. Pode-se, portanto, dizer também que a “realidade” é o fenômeno para a espécie, enquanto a falsa aparência é um fenômeno para o indivíduo, um fenômeno que não chega a ser um erro, mais do que porque nós atribuímos realidade a ele, isso significa, a existência para a espécie. (LANGE, 1903, VOL II, p. 578)

Lange é categórico quando ele nega a existência de uma realidade, como o homem a pensa e como ele a cobiça, por trás dos fenômenos. Esta ideia é refutada através da compreensão da natureza radical do fator sintético, na atividade do conhecimento. Há aqui a compreensão da atividade de tal fator como atuante até nos primeiros passos do conhecimento, o que Kant tinha classificado como as formas de percepção, bem como as categorias de compreensão, nomeados aqui por Lange como “as primeiras impressões dos sentidos e os elementos lógicos”. O que se encontra por trás da concepção de Lange, portanto, é a ideia kantiana que conduz à negação da realidade objetiva. Esta é, certamente, uma ideia que, como diz Stack, vai assombrar Nietzsche ao longo de sua produção. Esta citação, em particular, parece ter tido um efeito duradouro sobre Nietzsche, e nós podemos, através de um fragmento póstumo, encontrá-lo extraíndo novas conclusões a partir dela em 1884:

Lange P.822 “A realidade, como a humanidade poderia pensar, e como ela anseia, quando essa imaginação é abalada: Uma realidade absolutamente sólida, independente de nós e cuja existência ainda deve-se conhecer - tal realidade não existe” Somos operantes ali, mas isso não dá nenhum orgulho a Lange! Ele a quer não enganosa assim como inalterada, dependente, irreconhecível. - Estes são instintos de criaturas assustadas e que ainda são dominadas moralmente: eles anseiam por um mestre absoluto, algo cheio de amor, algo inclinado à verdade - em poucas palavras, este desejo idealista é moral-religioso, tem aspectos do ponto de vista dos escravos. Por outro lado, poderiam nossos artistas-superiores ter o direito de deleitar-se de ter criado tal mundo “apenas subjetivo”, mas eu sinto o contrário, nós criamos! (FP 1884; 25 [318])¹²

Alguns novos elementos são adicionados na reflexão de Nietzsche, como o desejo e os instintos por trás de uma realidade estável, identificados por ele, nesta fase de seu

¹² Tradução nossa do fragmento póstumo 318 do grupo 25, do ano de 1884. A referência no início do fragmento, segundo Lopes afirma na nota nove da página 17 do texto citado, seria relativa a página do segundo volume da segunda edição de a história do materialismo.

pensamento, com os instintos de escravos. Mas o projeto básico, a ausência de uma realidade como os homens desejam, permanece. Isso sugere a extensão da influência de Lange na produção de Nietzsche. O desejo de verdade, ou na terminologia nietzscheana a vontade de verdade, que em grau mínimo move o cientista e em grau máximo move toda a humanidade, é designada por Nietzsche como uma necessidade moral, em vez de uma necessidade teórica. Isso porque, como ele defende, segundo uma necessidade intelectual, deveríamos antes desistir da objetividade, já que os avanços nas ciências naturais, especificamente, os avanços dos estudos sobre a fisiologia confirmam a tese kantiana. Ou seja, em face das inevitáveis limitações de nosso conhecimento, a exigência de uma verdade objetiva se torna um absurdo. Nesse sentido, sua tese passa a ser que o conhecimento não mais deve ser entendido como o processo de aquisição de verdades científicas, mas como o processo criativo de ficções engrandecedoras da humanidade. A ciência portanto se relaciona com criações poéticas, assim como a arte. Entusiasmado com esta perspectiva, o jovem filólogo confessa, quase no final da carta já referida, planejar escrever um artigo onde ele poderia aprofundar estas questões:

Se você, a propósito, ainda este ano tiver a minha dissertação, você vai ter uma melhor impressão sobre o que poderia ser explicado neste assunto de *Erkenntnißgrenzen*. Meu tema é “o conceito de orgânico desde Kant” semi-filosófica, semi-científica. Meus preparativos estão muito adiantados (KSB 2, p. 269).¹³

Como já foi dito aqui, a promessa de Nietzsche para escrever uma tese sobre os limites do orgânico desde Kant, não foi cumprida, tendo sido seus preparativos agrupados junto com os fragmentos de seus escritos de juventude sob o título de *Die teleologie seit Kant*¹⁴. Mas fica evidente que há uma forte influência da história do materialismo neste projeto que, ao que parece implicaria em uma associação entre a filosofia e as ciências naturais, e cujo objectivo seria o estabelecimento de novos limites para a metafísica.

Apesar desse projeto não se haver cumprido, quer dizer, apesar da tese não haver sido escrita, acreditamos que duas características descritas nesta seção foram bastante utilizadas em grande parte dos escritos de Nietzsche. Primeiramente, a questão dos limites do conhecimento, que seria o objeto da redação deste texto pretendido pelo filósofo. Em Segundo lugar, a característica semi-filosófica semi-científica, que nos deixa tentados a atribuir a seus escritos, em referência a um comentário de Nietzsche acerca de sua disposição espiritual

¹³ Tradução nossa.

¹⁴ Publicado na edição BAW volume 3, pág. 372.

quando da elaboração de *O nascimento da Tragédia*¹⁵, como a disposição “centáurea” de sua produção. Mais ainda, estas características, a nosso ver não são nada mais do que o objeto e o método usado por Nietzsche em todos os seus escritos sobre o conhecimento.

Bibliografia

BAILEY, Tom. After Kant: Green and Hill on Nietzsche’s Kantianism. In: **Nietzsche Studien**, Internationales Jahrbuch für die Nietzsche-Forschung, Band 35 págs. 228-262, Walter de Gruyter (Berlin, New York) 2006.

CLARK, Maudemarie. **Nietzsche on Truth and Philosophy**. Cambridge: Ed. Cambridge University Press, 1995.

D’IORIO, Paolo. **Nietzsches persönliche Bibliothek**. Band 6, Supplementa Nietzscheana, Herausgeber: Giuliano Campioni, Paolo D’Iorio, Maria Cristina Fornari, Francesco Fronterotta, Andrea Orsucci, Unter Mitwirkung: Renate Müller-Buck, Walter de Gruyter, Berlin, New York, 2003.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche and philosophy**. Trad. de Hugh Tomlinson. London-New York: Ed. Continuum, 1986.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Trad. de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

LANGE, F.A. **A History of Materialism**. Trad. de Ernest C. Thomas. Edinburg and London: Ed. Baillantlyne, Hanson and CO, 1875.

LANGE, Friedrich Albert. **Historia del materialism**. Trad. De Vicente Colorado. Proyecto Filosofia en español, 2007. Disponível em: <<http://www.filosofia.org/mat/hdm/index.htm>> Acesso em 11/04/2016.

LOPES, Rogério. Filosofia e Ciência: Nietzsche Herdeiro do Programa de Friedrich Albert Lange. . In BARRENECHEA, Miguel Angel. FEITOSA, Charles. PINHEIRO, Paulo. SUAREZ, Rosana (org.). **Nietzsche e as ciências**. Rio de Janeiro: Ed. 7letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre Verdade e Mentira**. Trad. Fernando de Moraes Barros, Ed. Hedra, São Paulo, 2007.

OEHLER, Max. **Nietzsches Bibliothek**. Vierzehnte Jahresgabe der Gesellschaft der Freude des Nietzsche-Archiv, Weimar, 1942.

REBOUL, Olivier. Nietzsche, Crítico de Kant. Trad, de Julio Quesada y José Lasaga. Barcelona: Ed. Anthropos, 1993.

¹⁵ Trata-se da carta a Erwin Rohde, escrita no fim entre o fim de janeiro e o dia 15 de fevereiro de 1870, onde Nietzsche diz: „Ciência arte e filosofia cohabitam agora em mim de tal modo que qualquer dia darei a luz a centauros“ (KSB 3, p. 95).

SCHACHT, Richard. Nietzsche's Kind of Philosophy. In: The Cambridge Companion to Nietzsche. Cambridge: Ed. Cambridge University Press, 1996.

SCHOPENHAUER, Arthur. O Mundo como Vontade e Representação. In: **Schopenhauer**: seleção de textos. 5ª. ed. Trad. Maria Lúcia Cacciola e Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Abril Cultural, 1991. (Os Pensadores).

STACK, George J. **Lange und Nietzsche, Monographien und Texte zur Nietzsche Forschung**. Herausgegeben von Ernst Behler – Mazzino Mortinari – Wolfgang Müller-Lauter – Heinz Wenzel, Band 10. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 1983.